

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

CONTRIBUIÇÕES DE OTHON M. GARCIA PARA A DESCRIÇÃO DO SENTIDO DAS PALAVRAS²⁹

José Mario Botelho (UERJ e ABRASIL)
botelho_mario@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Como o próprio título elucida, o objetivo desse artigo é o de apresentar as contribuições que o Prof. Othon Moacyr Garcia nos legou acerca do sentido das palavras na breve descrição feita na segunda parte da sua *Comunicação em Prosa Moderna*.

A obra, como um todo, se nos apresenta como um utilíssimo manual de comunicação e expressão da língua, com seus inquestionáveis ensinamentos sobre a língua, a sua estrutura, as suas características.

De fato, oferece-nos subsídios para outros vários estudos sobre a língua portuguesa, nessa segunda parte, contudo, Garcia nos oferece um material de grande valor sobre um dos mais intrigantes aspectos da língua: o sentido das palavras.

Numa abordagem clara sob uma linguagem simples e objetiva, o autor nos esclarece sobre a constituição dos sentidos das palavras, descrevendo a relação entre ideias e palavras e a importância do domínio de um vocabulário de bom nível.

O autor discute, com propriedade, o fenômeno da polissemia das palavras e se mostra esclarecedor acerca das concepções dos termos “denotação” e “conotação” e da relação que se estabelece entre eles.

Também se faz mister ressaltar a sua abordagem conveniente, apesar de sintético, sobre os sentidos extensional e intensional na formação dos sentidos conotativos e denotativos das palavras.

²⁹ Texto resultante de trabalho apresentado no XII CNLF, em 2008, que ficou fora da publicação dos *Anais* daquele evento, sendo, excepcionalmente, publicado nos *Anais* deste XIII CNLF.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Finaliza com uma breve descrição do termo “polarização”, seguida de um pequeno comentário acerca de como a linguagem se torna ainda mais polissêmica com o uso da polarização, acrescida ao sentido intensional das palavras no uso da língua.

1. A relação existente entre ideias e palavras

Garcia inicia o capítulo primeiro da segunda parte de seu conhecido *Comunicação em Prosa Moderna*, fazendo referências à pesquisa realizada por O’Connor, em Nova Jersey acerca do vocabulário dos alunos do curso de formação de dirigentes de empresas industriais. Na oportunidade, constatou-se que, cinco anos após aqueles alunos serem submetidos ao referido teste, dez por cento deles, os quais haviam revelado maior conhecimento a partir de um vocabulário mais amplo, ocuparam cargos de destaque, ao contrário daqueles que apresentaram um vocabulário empobrecido – vinte cinco por cento – não conseguiram tal proeza.

Garcia observa, porém, que o fato de uns terem vencido na vida não prova que termos um vocabulário enriquecido e amplo nos garanta uma posição de destaque em relação ao que tem um vocabulário irregular ou humilde, pois para uma vida de sucesso são necessárias muitas vezes outras qualidades. No entanto, reconhece que o domínio da linguagem, em que o usuário impõe um bom vocabulário, procura a adequação do seu uso na efetivação do seu pensamento, com clareza, concisão, correção e coerência, é deveras providencial. De certo, quem assim se comporta apresenta melhores condições de compreender os outros e de se fazer compreender por eles; consegue assimilar com proficiência as coisas do mundo, refletir sobre elas, enfim, consegue efetivar a linguagem em plenitude.

Essa exposição inicial do capítulo que trata “dos sentidos das palavras” – e assim ser intitulada – justifica a intenção do autor que pretende mostrar que há uma relação inexorável entre as palavras e o que elas veiculam. Daí, ter ele discorrido sobre a “palavra e ideias” nesse subitem (1.1).

Garcia assevera que “pensamento e expressão são interdependentes”, já que as palavras revestem fundamentalmente as ideias, de modo que são elas, as palavras, que possibilitam o pensar. Tanto que

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

o autor afirmou categoricamente que “sem elas, é praticamente impossível pensar”.

De fato, o ser humano procura rotular todas as coisas de sua natureza. O que o homem armazena na mente não são propriamente as ideias, mas as palavras que as representam. Câmara Jr. (1978) já observara, corroborando Bühler (1934), que uma das três funções fundamentais da linguagem é a representação mental, da qual já se tem uma boa noção em Saussure, com a sua celebre dicotomias: “signo linguístico: significante e significado”.

Aliás, Câmara Jr. procura ressaltar, na referida obra, que a língua, de acordo com o próprio Saussure, baseia-se na função representativa, em virtude das referências à estrutura, ao esquema e ao padrão da língua em si.

Por representação mental entende-se, à semelhança de que fez Câmara Jr., o fato de o homem poder identificar as coisas que o cercam e demonstrar a sua compreensão do mundo em que vive. Em outras palavras, o ser humano normal imprime em seu âmago as coisas de sua natureza com palavras, que lhe possibilitam mais tarde exteriorizar o que lhe vai na alma – a exteriorização psíquica é uma das três funções da linguagem.

Também discorreu sobre essa característica do ser humano em rotular as coisas, que o cercam, Fiorin (2003), em uma palestra no ciclo de Estudos Contemporâneos em Língua Portuguesa. Nessa apresentação – “Mistério e Epifania da Linguagem” – o referido linguista digressionou acerca do tema e defende a ideia de que não é tão somente uma questão de rotular objetos, ideias, sentimentos, etc.; as palavras não só representam as coisas do mundo, denominando-as; há muitos mais do que isso.

Garcia parece antecipar tais hipóteses levantadas por Fiorin, quando assevera:

As próprias impressões colhidas em contato com o mundo físico, através da experiência sensível, são tanto mais vivas quanto mais capazes de serem traduzidas em palavras – e sem impressões vivas, não haverá expressão eficaz. (GARCIA, 1988, p. 155)

Como se pode depreender do fragmento em referência, o autor concebe uma relação intrínseca entre o modo de estar na vida e

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

cabedal linguístico de todo membro de uma dada comunidade linguística. O autor assevera, inclusive, que um “vocabulário escasso e inadequado” prejudica o próprio desenvolvimento mental de qualquer indivíduo, tornando-o limitado em sua capacidade de observação, de compreensão e até mesmo de percepção do mundo em que vive. Lembra as palavras de Herder, que afirmava que “um povo não podia ter uma ideia sem que para ela possuísse uma palavra” (*Apud GARCIA, 1988, p. 156*). E finaliza esse subitem, concluindo que um vocabulário variado e ativo torna claro, profundo e acurado o processo mental da reflexão.

Com essa conclusão, Garcia anuncia o subitem consecutivo – “vocabulário e nível mental”.

Nesse subitem, o autor corrobora a relação existente entre o nível mental e o domínio de um vocabulário: quanto mais enriquecido o vocabulário, em consequência de uma efetiva experiência de mundo, maior é o nível mental.

Contudo, adverte que “apenas um grande domínio de vocabulário não implica necessariamente igual domínio da língua”. De modo que, embora não se pode praticamente pensar sem palavras, é inconveniente pensar que basta o domínio de um rico vocabulário para se ter profunda agilidade mental e facilidade de expressão.

Outros fatores são necessários, como o domínio de estruturas frasais, combinado com a capacidade de discernimento, de discriminação e estabelecimento de relações lógicas, e o conhecimento de regras gramaticais básicas da língua. Disso se presume, como bem nos alerta Garcia, que não basta se debruçar sobre o dicionário, para se decorar as palavras, e sobre a gramática, para se estudar as regras gramaticais, para se tornar um proficiente usuário de uma dada língua. Não são essas práticas que vão determinar a expressão fluente do pensamento do usuário, nem o farão falar e escrever proficientemente.

Depois desses dois subitens introdutórios, o autor passa a tratar da “polissemia e contexto”.

Começa por lembrar, como já o fiz no início desse artigo, as três funções do Buhler: a representação de ideias, a exteriorização psíquica e o apelo, uma vez que “a linguagem oral ou escrita é um

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

sistema de símbolos, signos ou signos-símbolos”, conforme concepção de Ogden e Richards (1969), aos quais faz referência.

Lembra que as palavras são polissêmicas por natureza e que assim o são em outras línguas:

A linguagem ideal seria aquela em que cada palavra (significante) designasse ou apontasse apenas uma coisa, correspondesse a uma só ideia ou conceito, tivesse um só sentido (significado). Como tal não ocorre em nenhuma língua conhecida, as palavras são por natureza enganosas, porque polissêmico e plurivalentes. (*Id. Ibid.*, p. 158)

De fato, as palavras nada significam por si só, já concebiam Ogden e Richards (*Op. cit.*), pois o que garantem o seu sentido é o contexto. Isoladas, são imprecisas, são, grosso modo, sem significação determinadas.

Garcia já nos chama a atenção para o valor das palavras nos diversos contextos, que, numa metáfora interessante, nos alerta:

(...) é o contexto também que as liberta de todas as representações passadas, nela acumuladas pela memória, e que lhe atribui um valor “atual”. (*Ibidem*, p. 158)

Observa que a palavra permanece no espírito do homem com todos os significados que veiculam, os latentes e os efetivos, prontos a se fazerem presentes numa dada expressão do pensamento ou numa comunicação. E afirma:

Assim, por mais condicionado que esteja os a significação de uma palavra ao seu contexto, sempre subsiste nela palavra, um núcleo significativo mais ou menos estável e constante, além de outros traços semânticos potenciais em condições de se evidenciarem nos contextos em que ela apareça. (*Id. Ibid.*, p. 159-9)

Na verdade, as palavras acomodam os vários novos sentidos que vão assumindo nos diversos contextos. Eis o porquê de serem polissêmicas. E nem sempre encontramos num dicionário esses seus sentidos.

Depois de ilustrar com uma passagem de Manuel Bernardes, em que comenta acerca dos sentidos de “explicando”, “remos” e “golfo”, Garcia afirma serem as palavras “elos numa cadeia de ideias e intenções, interligadas umas às outras por íntimas relações de sentido”, (p. 160) e que perdem o significado virtual (contextual) quando dissociada da frase. Por isso é que só através da leitura e da escri-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ta é que se constrói um vocabulário deveras vivo e efetivo. Experiências linguísticas reais possibilitam uma expressão mais efetiva e capacita o usuário numa eficiente prática daquelas três funções fundamentais da linguagem. Ou seja, torna-o capaz de representar o mundo em que vive, de exteriorizar as suas ideias e de interagir com os outros usuários de sua comunidade linguística.

Em seguida, o autor passa a tratar da relação denotação / conotação e sentido referencial / sentido afetivo.

Nesse quarto subitem, demonstrou que os sentidos das palavras situam-se nesses dois níveis ou planos: o da denotação e o da conotação. Observa que essas antigas denominações vêm sendo reconceituadas e recebendo abordagens pouco claras e contraditórias pelas diferentes correntes de estudo. Lembra-nos que a Semântica Estrutural concebe a “denotação” como parte do significado de uma palavra – termos específico e genérico ou traços semânticos mais constantes e estáveis. Concebe, por outro lado, a “conotação” como parte, constituído pelos termos virtuais – traços semânticos advindos do contexto.

Logo, a denotação é a parte estável da significação da palavra como um todo, que pode ser analisado fora do contexto, enquanto a conotação é parte instável e subjetiva, que depende do contexto. Assim, lembra o autor, “a denotação identifica-se com a extensionalidade, e a conotação com a intencionalidade do conceito”.

Por isso, é muito comum entender a denotação com o sentido real ou mais próximo do real e a conotação, o sentido figurado. Diz o autor:

Quando uma palavra é tomada no seu sentido usual, no sentido dito “próprio”, isto é, não figurado, não metafórico, no sentido “primeiro” que dela nos dão os dicionários, quando é empregada de tal modo que signifique a mesma coisa para mim e para você, leitor, como para todos os membros da comunidade sociolinguística de que ambos fazemos parte, então se diz que essa palavra tem sentido denotativo ou referencial, porque denota, remete ou refere a um objeto do mundo extralinguístico, objeto real ou imaginário. (*Id. Ibid.*, p. 162)

Logo, não tendo a palavra a mesma significação para todos de uma mesma comunidade linguística, mormente por causa da interpretação que cada um faz ou pode fazer, diz-se que seu valor ou sen-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

tido é conotativo ou afetivo. Isto é o mesmo que dizes que a conotação estabelece uma relação da designação de um ser com um estado de espírito, um julgamento, certo grau de afetividade de um dado usuário.

Caminhando para o final do capítulo, Garcia discorre sobre os sentidos intensional e extensional. Nesse subitem 5, o autor procura esclarecer esses dois aspectos do sentido de uma palavra. Relaciona a denotação ao sentido extensional e a conotação ao sentido intensional.

A partir da declaração de que “anjos velam à noite junto do meu leito” tem-se tão-somente um sentido intensional, porquanto não podemos ver os anjos e tocá-los. Logo, não se pode provar a sua existência, mas não se quer com isso dizer que não existam, i. é, não se trata de um fato concreto, factual. Trata-se de uma opinião ou fé – sentido intensional, ao contrário da declaração de que “uma sala tal mede 10 metros” – trata-se de uma declaração de sentido extensional.

Logo, no uso da língua, as palavras podem assumir sentidos intensionais ou extensionais, de acordo com a natureza do assunto e do contexto discursivo como um todo.

Por fim, Garcia tematiza a “Polarização e a Polissemia” no subitem 6 (p. 166). A Polarização, que é uma tendência a reconhecer apenas os extremos, deixando de lado as posições intermediárias, considera o autor um grande obstáculo para a comunicação. Justamente com o sentido intensional, a polarização torna ainda mais polissêmica a linguagem que, por si só, já apresenta conflitos e desencontros diversos.

Finaliza o capítulo com uma digressão acerca das palavras “nacionalistas” e “entreguistas”, que se relacionam a “nazista”, “fascista” entre outras, demonstrando como o fato de as palavras serem polissêmicas causa conflito e choques ideológicos, que se aprovam com a polarização que muitos usuários fazem dos termos.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

2. *Considerações finais*

Esperamos que, com o presente artigo, tenhamos demonstrado a importante contribuição que o Prof. Othon Moacyr Garcia deu para os estudos de Semântica com esse seu trabalho sobre os sentidos das palavras e da formação do vocabulário da língua portuguesa.

Vimos, nestas poucas linhas que o mestre apresentou, com clareza e concisão, as relações que se estabelecem entre as ideias dos seres humanos e as palavras que usam para representá-las e para exteriorizá-las.

Pudemos ver, também, a sua concepção de polissemia das palavras, causadas pelos diversos contextos em que são usadas, em que de fato se estabelecem como uma unidade léxica de uma dada língua.

Também descrevemos as noções de conotação e denotação do saudoso mestre e, por fim, a sua posição acerca dos sentidos extensionais e intensionais e de polarização, que constitui, com o sentido intensional das palavras, uma complexidade a mais no estabelecimento da comunicação linguística.

Decerto, não se pode negar que muito ainda há o que se discutir sobre essa temática, mas igualmente não se pode negar que encontramos subsídios na obra de Othon Moacyr Garcia para esse mister.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

FIORIN, José Luiz. Mistério e Epifania da Linguagem. In: _____. *Ciclo de estudos contemporâneos em língua portuguesa*. São Paulo: Academia, Livros & Letras, 2003.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. *O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo*. Trad. por Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.